

DOI: 10.20911/21799024v13n1p24/2022

Experiência de Deus e itinerário da mente - uma aproximação entre Raimon Panikkar e Vito Mancuso

Cleudir José dos Santos ¹

Resumo: Este trabalho traz uma aproximação entre dois autores fundamentais para compreensão da espiritualidade e da fé na época presente, Raimon Panikkar e Vito Mancuso. A metodologia utilizada é a de pesquisa bibliográfica, focalizando dois textos escolhidos como principais, um de cada autor, além de uma bibliografia complementar. Dessa forma, faz-se um levantamento sobre a forma como dizem sobre o caminho para Deus, num contexto de espiritualidade e abertura para o transcendente. Uma última análise é sobre as interseções e aproximações das leituras realizadas, respectivamente, sobre a experiência de Deus em Panikkar e sobre o itinerário da mente para Deus em Mancuso. Silêncio, liberdade, humanidade e fé se entrelaçam nas duas obras. Em Mancuso, o silêncio aparece na solidão e na introspecção do Eu para fazer-se diante de Deus. Panikkar identifica o silêncio como o *a priori* da experiência de Deus. Sobre a liberdade os dois autores são unânimes, trata-se de um ideal e de uma condição para o caminho até Deus. A humanidade, nos dois textos, diz respeito ao específico da condição humana, com sua realidade e contradições. A fé aparece como o elo mais forte nas duas leituras. É o ponto mais luminoso na interseção das respectivas obras. A fé se constitui naquilo que é mais essencial na existência humana. Em seu âmbito se conectam, ato de fé, crença, simbolismo e afetividade. A conclusão é pelo sentido comum das duas leituras, apontando para a abertura do homem a Deus como forma de alcance da plenitude espiritual.

1. Doutorando em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) de Belo Horizonte. E-mail: cleudir.santos@hotmail.com.

Palavras-chave: Espiritualidade. Eu. Fé. Liberdade. Silêncio.

Abstract: This work brings together two fundamental authors for understanding spirituality and faith at the present time, Raimon Panikkar and Vito Mancuso. The methodology used is bibliographic research, focusing on two texts chosen as main, one by each author, in addition to a complementary bibliography. In this way, a survey is carried out on the way they say about the path to God, in a context of spirituality and openness to the transcendent. A final analysis is about the intersections and approximations of the readings carried out, respectively, on the experience of God in Panikkar and on the itinerary of the mind towards God in Mancuso. Silence, freedom, humanity and faith intertwine in the two works. In Mancuso, silence appears in solitude and in the introspection of the Self to make oneself before God. Panikkar identifies silence as the a priori of the experience of God. On freedom the two authors are unanimous, it is an ideal and a condition for the path to God. Humanity, in both texts, concerns the specifics of the human condition, with its reality and contradictions. Faith appears as the strongest link in both readings. It is the brightest point at the intersection of the respective works. Faith is what is most essential in human existence. In its scope, act of faith, belief, symbolism and affectivity are connected. The conclusion is based on the common sense of the two readings, pointing to the opening of man to God as a way of reaching spiritual fullness.

Keywords: Spirituality. I. Faith. Freedom. Silence.

Introdução

Este trabalho traz uma aproximação entre dois autores fundamentais para compreensão da espiritualidade e da fé na época presente, Raimon Panikkar e Vito Mancuso. Levantaremos em ambos, a partir de um texto escolhido de cada um, a forma como dizem sobre o caminho para Deus, num contexto de espiritualidade e abertura para o transcendente, mostrando como suas abordagens convergem e se complementam, permitindo-nos encontrar um sentido comum para ambas as leituras: a plenitude da dimensão espiritual que leva a Deus.

Os dois textos que tomamos para estudo são, primeiro, o Capítulo II – *L’esperienza di Dio*, do livro com o mesmo título, em edição italiana, de Raimon Panikkar. Esta obra parte de uma visão abrangente do ser humano. No seu capítulo em pauta faz-se um caminho desde o silêncio interior até a integração humana com aspectos da realidade do mundo, culminando na abertura à ação de Deus. O segundo texto, de Vito Mancuso, está em sua obra *Eu e Deus - Um guia para os perplexos*. Trataremos especificamente do capítulo IX, intitulado *Itinerário da mente para Deus*. Este capítulo apresenta um olhar centrado no Eu que quer atravessar o horizonte infinito para Deus. Essa ideia é reforçada no contexto do livro.

Uma última análise será sobre as interseções e aproximações das leituras da experiência de Deus e do itinerário da mente, como forma de prepararmos a conclusão sobre essas leituras, apontando para a abertura do homem à ação de Deus, na afirmação de Panikkar, e o alcance da plenitude espiritual, sinalizada por Vito Mancuso, mas ambas as indicações entremeadas nos dois textos.

1. Raimon Panikkar e a experiência de Deus

Devemos saber conciliar urgência com importância. Essa é uma das características da sabedoria e uma condição para vivermos bem. É dessa forma que Panikkar começa explicando como deveríamos tomar consciência da realidade, porque muitas vezes identificamos a vida com suas atividades. Nesse sentido, silenciar as atividades da vida é uma forma para alcançarmos a própria experiência pura da Vida.

Mas entrar em silêncio, para Panikkar, não é uma fuga do mundo, uma dicotomia entre o que é essencial e o que é relativo, nem diminuir a importância das atividades da vida. Trata-se de um silêncio da mente e dos sentidos, que nos abre para uma dimensão da realidade que transcende o conhecimento humano comum ou empírico. É um silêncio que liberta das atividades incessantes e de uma multiplicidade de coisas com as quais nos identificamos, e nos põe diante da possibilidade de viver a vida. Este seria o *apriori* da experiência.

Os elementos constitutivos dessa experiência são quatro. Embora distinguíveis, não são separáveis e se constituem da experiência pura ou imediata, da memória, da interpretação e da cultura. Esse conjunto quadridimensional é sempre pessoal e pode ser comunicado, mas não simplesmente extrapolado por conceitos objetivos, porque cada tradição condiciona a interpretação da experiência. A memória permite que a interpretação desta experiência persista e se transmita. A interpretação, por sua vez, é condicionada pela cultura em que foi recebida.

Panikkar prossegue explicando a necessidade de reconhecermos que não há religião sem cultura ou cultura sem religião; que a experiência de Deus não é monopólio de nenhum sistema religioso, igreja ou cultura. Também precisamos da mediação de uma linguagem que, em si, já é um fenômeno cultural.

Para melhor delinear essa experiência de Deus de que vamos nos aproximando, será oportuno distinguir entre fé, ato de fé e crença. A fé é um constituinte existencial do homem. É a capacidade de se abrir para o outro e tem lugar no coração. Indica a abertura para a transcendência, no sentido em que os escolásticos chamavam '*capax Dei*', a capacidade para o infinito, para o que não tem limites. O ato de fé é aquela atividade por meio da qual o homem coloca a própria fé em movimento, fluindo do coração. É um ato livre que dá plenitude à condição humana. A crença, por sua vez, é a formulação e a articulação doutrinária normalmente realizadas por uma comunidade. Trata das afirmações da fé, sendo a sua expressão simbólica. A experiência de Deus é geralmente realizada graças à mediação de uma crença, mas não deve ser confundida com isso.

A cosmologia, a antropologia e a ontologia nos oferecem os três horizontes principais pelos quais o divino se manifesta. Por esses três caminhos a humanidade expressou sua vontade de transcender e reconhecer a existência de um 'mistério' que está acima da inteligibilidade e que, em qualquer caso, está de alguma forma presente no homem. Assim, vamos refletir sobre o horizonte de inteligibilidade de que estamos falando, conforme o resumo de Panikkar (2016, p. 33-36), a seguir.

a) O horizonte meta-cosmológico. O olhar do homem se voltava para as coisas do céu e da terra. A divindade se manifestava neste horizonte como Senhor, Causa, Origem ou Princípio, ou seja, era o próprio Deus.

b) O horizonte meta-antropológico. Em um dado momento da história o principal interesse do homem não se voltou mais para a natureza e o mundo ao seu redor, mas focou no próprio homem. A divindade torna-se a plenitude do coração humano e a liberdade torna-se o ideal humano. É a divindade que liberta o homem da escravidão do pecado ou da ignorância.

c) O horizonte meta-ontológico. O ápice do homem é a consciência da transcendência. A reflexão faz o homem acreditar-se superior e a divindade será um super ser, um além do Ser. Temos um apofatismo absoluto e o silêncio torna-se nossa única atitude possível. Não podemos entender o que não é inteligível (seria uma contradição), mas certamente podemos estar cientes disso.

Colocadas as aproximações acima, Panikkar, faz uma série de observações sob o nome de "fragmentos" em torno da experiência de Deus. Começa afirmando que tudo o que pode ser dito com rigorosa racionalidade sobre a experiência de Deus é idolatria, porque a experiência de Deus, ao mesmo tempo que não é uma experiência de nada, nem de um objeto, é como uma experiência última, não só possível, mas também necessária para que cada ser humano tome consciência da sua própria identidade.

A experiência de Deus é a experiência do vazio e da ausência. Sendo uma não experiência de nada é pura experiência. Tem a ver com com a experiência do eu profundo, mas não se esgota nela. É a experiência que me liberta de todo medo, incluindo o medo de me perder, de negar a mim mesmo. «Já não sou eu que vivo, mas Cristo ele vive em mim" (Gal 2, 20). Trata-se, em consonância com Schillebeeckx (1994, p. 42), de uma transformação vital que implica conversão diante da revelação de Deus.

A pergunta que surge então é como chegar a essa experiência? Não é pela força da vontade. O que Panikkar propõe é a visão sacramental ou tântrica do universo, que não divide a realidade em matéria e espírito. Aqui entra a necessidade de iniciação. É tarefa de cada geração iniciar aqueles que seguem para a experiência de Deus, que é a experiência da verdadeira vida, como acabamos de dizer. Mas, para cada um, é necessário alcançar a plenitude humana, porque "a salvação consiste em alcançar nossa plenitude, isto é, em compartilhar a natureza divina" (PANIKKAR, 1999, p. 217, tradução nossa).

Não obstante, a iniciativa de iniciação na experiência de Deus vem de Deus. A atitude dos místicos diante de Deus é mais passiva. É a verdade que nos busca. Devo deixar-me encontrar por Deus.

2. Vito Mancuso e o itinerário da mente para Deus

Mancuso começa seu itinerário da mente para Deus discutindo a questão da primeira pessoa do singular, ou seja, da referência ao “eu” na experiência de Deus. Postulando uma afirmação do Eu como ponto de partida para falar de Deus, reconhece alguns problemas, tais como as correntes místicas que se baseiam na negação do Eu, o protestantismo clássico e a teologia dialética, que concebem a palavra de Deus como negação da palavra do homem, e; o magistério católico com seu princípio de autoridade. Embora constata-se que mestres e grandes tradições espirituais lutam contra a voz do Eu natural, refere-se a uma primeira pessoa do singular que não se identifica com esses usos do pronome pessoal “eu”.

Explica então que se não há dúvidas de que o ego leva facilmente ao egoísmo, isso não significa que deva ser aniquilado. O Eu deve ser educado, purificado e disciplinado para chegar à pureza expressa no ser humano à “imagem e semelhança de Deus”. O Eu assim transformado pode chegar ao estado cristão de “santidade”, o nível mais alto da vida humana.

O Eu ao qual me refiro como órgão privilegiado do discurso sobre Deus se exprime melhor dizendo “coração”, entendendo com isso aquela dimensão integral do ser humano no qual a inteligência e a vontade são unificadas pelo sentimento do bem, o mais alto nível, em minha opinião, daquilo que chamamos “humanidade” (MANCUSO, p. 351-352).

Mancuso sustenta, assim, que é preciso falar de Deus em primeira pessoa, remetendo ao profano desta vida, apelando à inteligência e ao raciocínio, aos grandes valores da alma humana voltada para o bem e a beleza, o desejo de justiça e de amor. Hoje é particularmente necessário que cada um entenda por que crê e o diga a si mesmo. Essa é uma experiência de liberdade que leva a viver na fé.

A motivação pessoal de Mancuso para a fé, crer em Deus com a mente e o coração, conforme explica, é porque isso lhe permite unir seu sentimento interior do bem e da justiça ao sentido do mundo que lhe é exterior. Crer na existência de Deus é como colocar o amor como a respiração do ser. Deus seria então a ponte entre o mundo interior e o exterior, Deus como “pontífice”, construtor de pontes, o *Deus pontifex maximus*.

Essa crença em Deus parte da intuição dos ideais interiores do bem e da justiça, mas não é subjetivo nem ilusão piedosa. Embora não seja possível demonstrar, isso parte da realidade vivida no mundo com suas contradições, por isso exige investimento emotivo e idealização, num excedente de trabalho que se chama fé. Esse tipo de interação está na essência da espiritualidade ociden-

tal, que não anula o Eu para atingir a espiritualidade.

Crer em Deus também significa estar orientado para compreender o mundo como totalidade. Nesse sentido, o processo da vida no mundo está destinado a chegar em Deus como uma casa, uma morada, quando atingirmos o nível mais alto do ser-energia a que Mancuso chama de espírito, indicando o sentido de integração alcançada com a citação de Atos 17,28, porque quando aí chegamos é que “nele vivemos, nos movemos e existimos”.

Poderíamos ainda perguntar por Deus, formular uma pergunta cuja resposta fosse Deus. O desafio, entretanto, seria aceitar Deus como pergunta sem resposta. Isso nos colocaria frente à realidade com todas as suas potencialidades. A vida humana consiste nisso, em pensar e perguntar pelo sentido da própria vida e do mundo. Formados por terra (matéria) e espírito, o humano tem em si a inquietação que nasce desses dois elementos discordantes. Dessa dinâmica relacional nascem as necessidades do cuidado consigo e de amar e ser amado. Isso faz nascer no interior humano o sentido da ética.

Kant (2008, p. 12) escreveu que “A moral conduz, pois, inevitavelmente à religião”. Sendo a religião o cuidado do destino de todos os viventes, uma religiosidade autêntica surge quando a dimensão ética é assumida para além do pessoal, em direção ao mundo, no sentido ético de querer uma vida justa e o mundo envolto no bem. Essa dimensão de vitória do polo positivo, de bondade e positividade, constitui o ato de fé em Deus. Crer em Deus então significa manter o sentimento relacional pela dimensão mais bela e definitiva da vida.

Para caracterizar a existência de Deus, ainda, Mancuso usa a expressão “pensar pela metade, pensar por inteiro”. A questão aqui é ser ateu ou acreditar em Deus. O raciocínio que se segue toma o pensamento de Albert Einstein, para o qual ciência e religião devem se completar. Conhecimento racional e sabedoria sapiencial, mente e coração devem se unir a fim de aumentar o bem e a justiça. Esse seria um crer em Deus pensando por inteiro, ou seja, acrescentando ao raciocínio lógico a ética, o afeto e abertura ao lado misterioso da vida. Seria uma condição de viver para o bem, em alegria, plenitude e entusiasmo, isto é, inspirado em Deus, colaborando para que o mundo funcione melhor.

Finalmente, Mancuso faz um resumo conceitual em doze passos sobre a existência de Deus, partindo da ética de Kant, até chegar à física. Sua tese é a de que todo discurso deve ser verdadeiro e unificante, atendendo à urgência contemporânea de aliança entre a dimensão humanística e a científica.

Kant concebe a religião como o resultado mais alto do caminho da liberdade. Embora rejeite a teologia tradicional da graça, ele não esgota sua definição de liberdade, que estaria em contraposição ao mundo. Mancuso então propõe uma ideia de liberdade unida ao mundo. É nesse sentido que é preciso examinar a relação da mente com a realidade. Essa necessidade diz respeito ao espírito-liberdade característico do ser humano, que lhe torna possível introjetar o materialismo ou escolher a espiritualidade, estendendo para fora de si sua dimensão espiritual, mais rica porque dotada de mais informação. A fé está no âmbito dessa projeção. Por ela encontra-se a ponte entre a sede de justiça e o sentido último do mundo.

3. Interseções e aproximações das leituras da experiência de Deus e do itinerário da mente

Silêncio, liberdade, humanidade e fé se entrelaçam nas leituras de Panikkar e Mancuso, iluminando o caminho de uma segura aproximação a Deus. É notável que Mancuso procure não tratar nominalmente do silêncio em seu texto do capítulo ora estudado. Não obstante, toda a sua reflexão se passa em torno da primeira pessoa do singular. Aliás, seu livro tem por título *Eu e Deus – Um guia para perplexos*. Diante dessa singularidade podemos facilmente imaginar a solidão e a introspecção do Eu para fazer-se diante de Deus e meditar na profundidade da fé sobre seu mistério. Apenas essas condições já seriam motivo de ocasiões de grande silêncio, uma perplexidade para nossa época de ativismo, consumo e presentismo. Fica, portanto, caracterizado o paralelo com Panikkar, que identifica o silêncio como o *apriori* da experiência de Deus.

Sobre a liberdade os dois autores são unânimes, trata-se de um ideal e de uma condição para o caminho até Deus, tanto para a experiência quanto para a mente. Panikkar coloca a liberdade como ato da própria divindade para com o ser humano. A liberdade, entretanto, pode ser dolorosa por causa da tensão entre a precariedade e a possibilidade do reconhecimento de Deus presentes na ambivalência humana. Para Mancuso a liberdade é a própria condição para viver fé. É assim que propõe uma liberdade unida ao Mundo. A liberdade seria então como um excedente em relação à dimensão biológica que habilita o ser humano a alcançar a dimensão espírito-liberdade que o eleva a Deus.

A humanidade que destacamos como presentes nos dois textos diz respeito ao específico da condição humana, ou seja, para Panikkar, a cultura, a religião e a linguagem, mas também o cosmológico, o antropológico e o ontológico. Para Mancuso, com outras palavras, mas que identificamos como sendo o mesmo entendimento, são características dessa humanidade a realidade vivida no mundo com suas contradições, sem prejuízo de compreender esse mundo como uma totalidade.

A fé aparece como elo mais forte nas duas leituras ora em pauta. Seria o ponto mais luminoso na interseção das respectivas obras. A fé se constitui naquilo que é mais essencial na existência humana. Aparece no ápice da liberdade e nos abre coração e mente para tanto para a experiência de Deus quanto para uma relação amorosa com o mundo. No âmbito da fé se conectam, ato de fé, crença, simbolismo e afetividade.

Panikkar define crença como expressão simbólica mais ou menos coerente e muitas vezes formulada em termos conceituais. Mancuso fala de uma amorosidade capaz de levar o Eu a uma espiritualidade com alegria, como gosto e paixão de viver, ou seja, com afetividade. A propósito, *Teologia simbolica* e *Teologia affetiva* (títulos em italiano) são duas obras da bibliografia de uma pesquisa sobre mística e simbolismo que estamos conduzindo à parte, mas que nos dão

pistas fundamentais dos respectivos conceitos aqui referenciados. A linguagem simbólica é aquela que nos conduz a uma outra realidade correspondente, mas escondida (BERNARD, 1984, p. 18). A instância afetiva, por sua vez, tem especial importância nas transformações que caracterizam a vida espiritual cristã (BERNARD, 1985, p. 11).

Por último, destacamos outros dois pontos de semelhança entre Panikkar e Mancuso, que são, na convergência dos seus ensinamentos, alcançar a plenitude humana para dar conta de uma completa experiência de Deus, e; o Eu se transformar até chegar ao estado de "santidade", aquela dimensão integral do ser humano no qual a inteligência e a vontade estão unificadas na bondade, abrindo o itinerário da mente para Deus.

Conclusão

À primeira vista, a leitura de Panikkar é como o descortinar de um amplo horizonte multifacetado de cores ou características luminosas muito peculiares acerca da experiência humana de Deus. A leitura de Mancuso, diferentemente, mas também à primeira vista, é como um olhar centrado no Eu que quer atravessar o infinito horizonte para Deus. Não obstante, os pontos comuns entre a experiência de Deus elaborada pelo primeiro e itinerário da mente construído pelo segundo, demonstram uma magnífica visão conjunta do caminho para a experiência de Deus, passando pelo itinerário da mente, através da fé, até o encontro de Deus.

Raimon Panikkar parte de uma visão do todo do ser humano, ampliando as especificidades da experiência humana, desde o *a priori* do silêncio, passando pelo cosmológico, o antropológico e o ontológico, até chegar à necessidade de iniciação e a uma atitude de abertura pela qual o homem abre-se à ação de Deus. Fala também de aspectos que envolvem algumas visões do diálogo inter-religioso, que não deixa de pontuar no seu texto.

Vito Mancuso, como percebemos, quer fechar um pouco seu horizonte de leitura. Quer colocar o Eu frente ao pensamento de Deus – *Eu e Deus*. É a partir dessa visão que redige seu livro, e mais especificamente o capítulo sobre o itinerário da mente para Deus. Entretanto, apenas começa a traçar seu itinerário, já delineia um amplo processo de purificação e conversão do Eu até encontrar-se na plenitude da dimensão espiritual que leva a Deus.

Abertura a ação de Deus, conforme Panikkar, e a plenitude espiritual, conforme Mancuso, pontuam e iluminam as respectivas conclusões desses dois autores. Então, para finalizar, quiçá suas leituras possam nos iluminar a inteligência e a fé, tornando-as mais humanas e radiantes em nosso caminho para Deus.

Bibliografia

BERNARD, Charles André. *Teologia simbólica*. Roma: Paolini, 2ª. ed. 1984. Disponível em <<http://www.amicidipadrebernard.org/wp-content/uploads/2019/05/Teologia-simbolica-compresso.pdf>>. Acesso em 25 out. 2021.

BERNARD, Charles André. *Teologia afetiva*. Roma: Paolini, 1985. Disponível em <<http://www.amicidipadrebernard.org/wp-content/uploads/2019/05/Teologia-affettiva-compresso.pdf>>. Acesso em 25 out. 2021.

IMMANUEL, Kant. *Religião nos limites da simples razão*. Coleção Textos Clássicos de Filosofia. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008. Disponível em <http://www.lusosofia.net/textos/kant_immanuel_religiao_limites_simples_razao.pdf>. Acesso em 30 out. 2021.

MANCUSO, Vito. *Eu e Deus: um guia para os perplexos*. São Paulo: Paulinas, 2014.

PANIKKAR, Raimon. *La plenitud del hombre*. Madrid: Siruela, 1999.

PANIKKAR, Raimon. *L'esperienza di Dio*. Brescia: Queriniana, 2016. E-Book. ISBN 978-88-399-6304-8.

SCHILLEBEECKX, Edward. *História humana: revelação de Deus*. São Paulo: Paulus, 1994.